

Desenvolvimento de capacidades e gestualidade espontânea¹

Andrea de Arruda Botelho-Borges²

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar e discutir, em uma interlocução com o pensamento winnicottiano, a potencialidade mutativa de uma modalidade de prática psicológica denominada Enquadre Clínico para Desenvolvimento de Capacidades; propõe, ainda, uma elaboração conceitual que distingue capacidades integradas e competências dissociadas. À luz de tal distinção, essa alternativa clínica pode ser compreendida como constituição de um ambiente facilitador que favorece tanto o desenvolvimento de capacidades incipientes como a integração de competências dissociadas, que passam a ser vividas transicionalmente como experiências criativas. Esse enquadre vem sendo utilizado produtivamente na forma de uma oficina voltada ao desenvolvimento da capacidade de escrever.

Palavras-chave: enquadres diferenciados, clínica psicanalítica, escrita criativa, criatividade, espaço de criação (Winnicott).

Development of capacities and spontaneous gesture

Abstract: This work presents and discusses the change potential of a modality of psychological practice named Capacities Development Clinical Setting, in a dialog with the Winnicottian thought; in addition, it proposes a conceptual elaboration which differentiates integrated capacities from dissociated competencies. In the light of such differentiation, this clinical alternative can be understood as the constitution of a facilitating environment that favours both the development of incipient capacities and the integration of dissociated competencies, which then start being transitionally lived as creative experiences. This setting has been applied productively in a workshop aiming at the development of writing skills.

Keywords: differentiated settings, psychoanalytic clinic, creative writing, creativity, space of creation (Winnicott).

Desenvolvimiento de capacidades y gestualidad espontanea

Resumen: Este trabajo presenta y discute, en interlocución con el pensamiento winnicottiano, la potencialidad mutativa de una modalidad de práctica clínica psicológica denominada Encuadre Clínico para Desenvolvimento de Capacidades; propone, además, una elaboración conceptual que distingue capacidades integradas y competencias dissociadas. A la luz de tal distinción, esta alternativa clínica puede ser comprendida como constitución de un ambiente facilitador que favorece tanto el desarrollo de capacidades incipientes como la integración de competencias dissociadas que pasan a ser vividas transicionalmente como experiencias creativas. Este encuadre se lo viene utilizando productivamente en forma de taller destinado al desenvolvimiento de la capacidad de escribir.

Palabras clave: enquadres diferenciados, clínica psicanalítica, comunicación escrita, creatividad, espacio de creación (Winnicott).

A proposta de uma modalidade de prática psicológica denominada Enquadre Clínico para Desenvolvimento de Capacidades insere-se no contexto das pesquisas realizadas na “Ser e Fazer – Oficinas Psicoterapêuticas de Criação”, criada em 1997 pela professora livre-docente Tânia Aiello-Vaisberg, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A “Ser e Fazer” oferece atendimentos individuais e em grupo para crianças, adolescentes, adultos e idosos, fazendo uso de materialidades mediadoras, tais como papel reciclado, arranjos florais, bordado, tapeçaria, dentre outras – muitos desses trabalhos resultaram em dissertações de mestrado e teses de doutorado. A extensa experiência do grupo demonstra a

eficácia terapêutica de algumas modalidades de enquadres clínicos diferenciados (Aiello-Vaisberg & Machado, 2003).

Guardando semelhanças com essas propostas, porém apresentando especificidades que o distinguem dos demais, o Enquadre Clínico para Desenvolvimento de Capacidades vem sendo elaborado em interlocução com o pensamento winnicottiano e concretizado sob a forma de uma oficina, individual ou grupal, voltada ao desenvolvimento da capacidade de escrever: a Oficina de Escrita Criativa e Autodesenvolvimento Viagem de Letras, que vem sendo ministrada há vários anos pela primeira autora deste artigo. Tal enquadre, que se originou em uma pesquisa de mestrado (Botelho, 1998) e se desdobrou na pesquisa de doutorado que será mencionada neste artigo, poderá servir como base para outras iniciativas, não apenas voltadas à escrita, sempre que o desenvolvimento de capacidades específicas exigir mais do que assimilação de conhecimentos e técnicas.

A proposta inspira-se na perspectiva de D. W. Winnicott, segundo a qual o processo de amadurecimento emocional sadio do ser humano, que é a base de todo viver criativo,

¹ Este texto foi revisado seguindo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009. O artigo apresenta um recorte da pesquisa de campo da tese de doutorado da primeira autora.

² Endereço para correspondência:

Andrea de Arruda Botelho-Borges. Rua Jericó, 255/98. CEP 05.435-040. São Paulo-SP, Brasil. E-mail: andrea.a.botelho@gmail.com

acontece na medida em que são conquistadas determinadas capacidades. Assim, os processos de integração, personalização e realização fazem parte do desenvolvimento primitivo e podem ser vistos como capacidades básicas, que permitem ao ser humano começar a se constituir como indivíduo diferenciado do mundo (Winnicott, 1960/1990). Integração é a possibilidade de perceber-se, ao menos em alguns momentos, como um ser uno e não como “pedaços isolados”. Personalização é “a localização do *self* no próprio corpo” ou o “sentimento de que se está dentro do próprio corpo”. Realização diz respeito à relação primária com a realidade externa: “um passo no desenvolvimento emocional, que é altamente complexo e que, quando é dado, representa um grande avanço (...), no entanto, nunca é dado e estabelecido de vez” (Winnicott, 1945/1993, p. 274-279). Podemos, portanto, falar em capacidade de estar integrado, capacidade de habitar o próprio corpo e capacidade de estabelecer relações – o desenvolvimento de todas essas capacidades é o próprio processo de tornar-se pessoa.

Quando essas capacidades básicas podem ser conquistadas, desenvolvem-se outras: por exemplo, a “capacidade de estar só” e a “capacidade de sentir culpa”, que posteriormente se desdobra em “capacidade de se preocupar” – todas indispensáveis para a individuação e a socialização. Segundo Winnicott, há uma tendência natural ao desenvolvimento dessas capacidades e, portanto, ao amadurecimento emocional. Entretanto, para que isso ocorra de fato, é imprescindível a vigência de um ambiente suficientemente bom, que dê sustentação a esse devir e possa acolher o gesto espontâneo. Num primeiro momento, aliás, é fundamental que esse suporte seja tão imediato, que o bebê possa viver a “ilusão de criar o mundo” que é, de acordo com esta perspectiva, a matriz da experiência criativa e da capacidade de criar: “A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” (Winnicott, 1971/1975, p. 27).

A palavra capacidade

Como vimos, o termo capacidade aparece com muita frequência no texto winnicottiano e temos indicações para pensar que tenha sido usado de modo preciso. De fato, Hopkins chama a atenção para o especial interesse que Winnicott demonstra por etimologia, sugerindo que provavelmente conhecia as raízes desse termo:

a palavra capacidade, em inglês, deriva do latim *capere*, e significa “segurar, conter”, estando relacionada ao adjetivo *capax*, que significa “amplo, com grande capacidade”. Além do mais, capacidade compartilha a raiz latina com as palavras “capaz” e “competência” (*capability*), apto para fazer as coisas (como potencial) (Hopkins, 1997, p. 113).

A raiz latina da qual deriva capacidade originou também, em italiano, a palavra “comprender” (*capice?*), e, na língua portuguesa, “cabere”, “cabo”, “captar”, “capturar”, “cativar”. A pesquisa de Hopkins sugere que a palavra capacidade compreende pelo menos duas dimensões. A primeira refere-se à *continência*, à possibilidade que um recipiente tem para conter ou suportar certa quantidade de algo. Assim um vasilhame tem “X” litros de capacidade; um computador tem determinada capacidade de memória, que se refere à quantidade de dados que pode armazenar.

O conceito de espaço, de espaço “interno” (capacidade de conter), é essencial para esta exploração. De acordo com Winnicott, tal capacidade de conter não é algo que nasce com os seres humanos, a não ser potencialmente. É algo que tem que ser alimentado ao longo do tempo, num ambiente facilitador, que confie suficientemente em si para permitir que o processo de maturação siga seu próprio curso. Essa noção de capacidade de conter é desenvolvimentista e implica a questão do tempo (Hopkins, 1997, p. 114).

A segunda dimensão refere-se à *possibilidade de se fazer algo*, desenvolvida no decorrer da experiência. A partir de tais considerações, propomos que uma capacidade é algo que se desenvolve ao longo de uma experiência e requer uma construção, tanto da possibilidade de fazer algo como da possibilidade de conter ou abarcar algo emocionalmente. Em outras palavras, para que uma competência seja vivida de forma integrada e transicional, contribuindo para um viver saudável e assim tornando-se uma capacidade, não basta que habilidades técnicas tenham se desenvolvido: esse algo precisa “ter cabimento” na vida da pessoa – um cabimento emocional. É preciso, ainda, que aquela experiência caiba no mundo pessoal como algo construtivo e não destrutivo: ou seja, a possibilidade de usar construtivamente uma competência também precisa ser desenvolvida. Isso é de especial interesse no contexto desta discussão, pois muito frequentemente uma pessoa chega a desenvolver determinada competência, mas parece não haver “espaço interno” suficiente para abarcar esse fazer como experiência criativa, integrada e construtiva – o que inclui a dimensão da alteridade.

Tudo isso circunscreveria o fazer em questão no âmbito da transicionalidade. Propomos que, antes de alcançar esse estado, uma competência ainda não alcançou o patamar de capacidade. Note-se, portanto, que estamos sugerindo um uso bastante específico desse termo. Enfim, a palavra capacidade parece ter fornecido sustentação a alguns conceitos da obra de Winnicott, abrangendo tanto sua dimensão temporal como espacial. Pois o “desenvolvimento ao longo de um tempo” é a essência do conceito de maturação, ao passo que a noção de continência envolvida no termo capacidade lembra a ideia de *holding*, fundamental na obra do autor, que remete à imagem da mãe segurando seu bebê, oferecendo-lhe sustentação. A mãe suficientemente boa, tal como o ambiente

emocional suficientemente bom, forneceriam a sustentação necessária ao desenvolvimento das capacidades.

É importante lembrar, ainda, as observações de Winnicott sobre a capacidade de usar, que só se constitui quando o sujeito pode colocar o objeto fora da área de seu controle onipotente e percebê-lo como fenômeno externo e não como entidade projetiva: “depois de ‘o sujeito relaciona-se com o objeto’, temos ‘o sujeito destrói o objeto’ (quando se torna externo), e, então, podemos ter ‘o objeto sobrevive à destruição pelo sujeito’. (...) É importante que, nesse contexto, ‘sobreviver’ signifique ‘não retaliar’” (Winnicott, 1971/1975, p. 125-126). Ainda no mesmo texto, o autor diferencia esse ataque (e sobrevivência) da aniquilação, que significaria “ausência de esperança”. Salienta: “Não há raiva na destruição do objeto a que me refiro, embora se possa dizer que existe alegria pela sobrevivência do objeto” (p. 130).

Paradoxalmente, portanto, a capacidade de criar da qual falávamos anteriormente passa pela possibilidade de destruir. Podemos pensar que, para ser possível o uso construtivo de um fazer, é preciso que o resultado dele saia do campo da fantasia onipotente e encontre acolhimento no mundo compartilhado. No contexto da oficina de escrita, o grupo concretiza a figura abstrata do leitor (objeto ao qual se dirigem os textos) que pode “sobreviver” aos fazeres-textos do sujeito, como veremos.

Competências dissociadas: o fazer do falso *self*

Um ambiente que não provê sustentação e acolhimento do gesto espontâneo pode tornar inviável ou precário o desenvolvimento de algumas capacidades básicas. Uma das possíveis consequências disso é a constituição do falso *self*, que, como formação defensiva, visa à proteção e à adaptação ao meio, porém restringe e eventualmente suprime o gesto espontâneo.

Podemos pensar no falso *self* como uma posição existencial não autêntica, a partir da qual o próprio indivíduo vive uma experiência de futilidade e de falta de criatividade – sentimento frequentemente verbalizado por pacientes, no trabalho clínico, como uma sensação de não estar vivendo a própria vida. A partir dessa posição existencial, muitas competências podem ser plenamente alcançadas em resposta ou reação às exigências do ambiente, no entanto sem qualquer possibilidade de serem vividas de forma emocionalmente integrada.

Como sabemos, os chamados bebês afortunados são aqueles cuja gestualidade espontânea é favorecida pelo ambiente desde o início da vida. Quando tal favorecimento não ocorre, surgem dissociações que têm, sempre, caráter defensivo. Entretanto, é importante lembrar que uma primeira infância bem vivida, ainda que possa ser considerada, segundo as palavras de Winnicott (1951/1994), como um alicerce da saúde mental, não é garantia absoluta da manutenção perene de um posicionamento existencial integrado. Deste modo, torna-se correto afirmar que mesmo o gesto espontâneo

daquele adulto que foi uma criança afortunada requererá condições ambientais favoráveis – que se traduzem como acolhimento respeitoso –, a partir das quais a pessoa se sentirá viva, real, bem alojada corporalmente e presente à própria experiência. Por outro lado, crianças não afortunadas permanecem, como sabemos, à espera da oportunidade de ser, que pode surgir na psicoterapia, numa oficina para desenvolvimento de capacidades ou mesmo em experiências sustentadoras eventualmente oferecidas pelo viver.

É fato que muitas vezes um fazer, ou o desempenho de uma determinada competência, pode ser uma situação constrangedora, não integrada e até assustadora. No entanto, nossa experiência mostra que, num ambiente que favorece o contato emocional de uma pessoa consigo mesma e com as outras pessoas presentes, constituindo-se como campo transferencial de sustentação ao seu devir e acolhimento ao seu gesto espontâneo, muitas vezes algo que não podia sequer ser experimentado pode passar a sê-lo. De forma análoga, algo já vivido como competência, porém fora do campo da transicionalidade, pode passar a ser uma capacidade. Isso nos fornece uma distinção interessante, que remete às noções de falso e verdadeiro *self*.

O *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a ideia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. (...) A existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade (Winnicott, 1960/1990, p. 135).

Parece-nos, assim, bastante produtiva, do ponto de vista da reflexão teórica, a proposta de uma distinção conceitual entre competências dissociadas, que seriam uma forma de expressão a partir do falso *self*, e capacidades desenvolvidas, que presidiriam a gestualidade espontânea e criativa, bem como a conservação de uma capacidade de brincar saudavelmente, que seria mantida ao lado da assimilação de conhecimentos específicos e de comportamentos adequados.

Observa-se na clínica que, quando há excessiva adaptação, há mal-estar existencial – isso se refere a uma forma peculiar de sofrimento característico de uma normalidade submissa que impossibilita o brincar, no sentido winnicottiano do termo, e, portanto, inviabiliza que a pessoa assuma de forma integrada, na vida adulta, práticas que exijam criatividade. Frequentemente esse impedimento ocorre num campo específico de atividade, como a escrita, enquanto outras possibilidades criativas estão em marcha. É importante salientar que esse conceito de criatividade está estreitamente ligado, na obra de Winnicott, à noção de saúde psíquica.

Capacidade criativa e transicional

Em termos mais amplos e gerais, podemos dizer que um viver criativo, ou emocionalmente saudável, teria como

base o brincar que se desenvolve quando existe um ambiente facilitador capaz de receber o gesto espontâneo da criança. Contrariamente, isto não é favorecido em ambientes que funcionam de modo autoritário. Pela experiência de submeter-se, é possível que uma pessoa aprenda a se comportar bem, a se adaptar, mas ela terá dificuldades quando tiver que usar sua criatividade.

Winnicott refere-se à capacidade de criar como “um fazer gerado a partir do ser”.

Seja qual for a definição [de criatividade] a que chegemos, ela deve incluir a ideia de que a vida vale a pena – ou não – ser vivida, a ponto de a criatividade ser – ou não – uma parte da experiência de vida de cada um. Para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar. Em consequência, a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é está vivo. Pode ser que o impulso esteja em repouso; mas, quando a palavra “fazer” pode ser usada com propriedade, já existe criatividade (Winnicott, 1970/1996, p. 31).

O sentimento de que a vida vale a pena – base vivencial que corresponde ao estado de saúde mental individual – está relacionado, portanto, não a competências, mas a capacidades – e aqui temos clara essa distinção, na medida em que o autor menciona a possibilidade de a palavra “fazer” poder ser usada “com propriedade”. Podemos pensar que alguém se torna capaz de fazer algo de forma integrada e criativa na medida em que pode brincar no sentido que o termo assume no texto de Winnicott (1971/1975): “como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver” (p. 75).

Winnicott se refere ao “brincar feliz de uma criança” como muito diferente daquele que é acompanhado de grande excitação. Com isso, sugere que há diferentes formas de brincar. O brincar feliz ocorre no espaço potencial: essa área intermediária de experiência que não está nem totalmente no indivíduo, nem no mundo, mas em ambos; entre o universo pessoal e a realidade dita externa. É, portanto, experiência transicional por excelência – desse brincar derivam a arte, a religião e toda experiência criativa (Winnicott, 1971/1975). Assim, tornar-se capaz de fazer algo de forma criativa e “brincante” parece estar relacionado à possibilidade de que esse algo “entre num espaço transicional” – o que permite o uso tanto da própria imaginação como dos elementos disponíveis no ambiente. Ou seja, o termo transicional refere-se justamente a essa “área de transição” entre o mundo interno e o externo.

nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar realidade interna e externa, (...) o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária

de experiência (Riviere, 1936) que não é contestada (artes, religião, etc.). Essa área está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar (Winnicott, 1971/1975, p. 28-29).

O tema merece ser amplamente discutido, já que no mundo contemporâneo uma das queixas mais recorrentes é o chamado vazio existencial, a nosso ver relacionado à pressão pela aquisição de múltiplas competências, somada à escassez de ambientes que contemplem os requisitos para o desenvolvimento de capacidades. Por outro lado, como dissemos, observamos que competências dissociadas, ou até mesmo anteriormente inexistentes, podem, em condições favoráveis, tornar-se capacidades desenvolvidas – ou em vias de desenvolver-se. Para ilustrar isso, tomaremos um recorte de uma situação de pesquisa, relacionada ao desenvolvimento da capacidade de escrever.

Elementos para um “escrever transicional”

Apresentamos a seguir uma reflexão teórico-clínica sobre a oficina que fez parte da tese de doutorado de uma de nós (Botelho, 2004). Vale ressaltar que tal reflexão não ocorreu à época da realização dessa pesquisa de campo, mas ao longo dos anos seguintes. Dialogando com essa experiência à luz do pensamento winnicottiano e nos nutrimos também de outras experiências em marcha na “Ser e Fazer”, demos conta da importância de discriminar conceitualmente capacidades de competências e também de diferenciar o enquadre abordado neste artigo dos outros que já vinham sendo realizados.

Os participantes da oficina foram seis jornalistas interessados em desenvolver a escrita de perfis e histórias de vida num contexto diferenciado e com inspiração na “literatura da realidade” ou “jornalismo literário”, que consiste, *grossomodo*, na elaboração de reportagens, colunas, ensaios, perfis e outras práticas jornalísticas empregando recursos da literatura. O pano de fundo do trabalho era o ideal de um jornalismo que levasse em consideração os contextos e personagens envolvidos nos fatos narrados, ultrapassando sua superfície para mergulhar no conteúdo humano a eles relacionado. Buscava-se, também, dar ao texto um tratamento estilístico que fizesse jus à densidade poética das vidas retratadas. Ao longo de 30 encontros, somando 70 horas, desenvolvemos atividades variadas, fundamentadas nas áreas de psicologia, terapias corporais, letras, educação, comunicações e artes, que ensejavam a vivência e a discussão de temas relevantes para o objetivo do trabalho, buscando contemplar o ser humano como um todo integrado e imerso num contexto relacional e social. Utilizamos alguns procedimentos de escrita criativa descritos no método “escrita total” (Lima, 2009), tais como “escrita rápida”, “visualização criativa” e “mapa mental”, e praticamos a edição individual e coletiva: um trabalhoso processo de remover ou acrescentar palavras e frases, em busca

de melhorar a clareza, sonoridade e adequação dos textos às normas da língua, e também de aproximá-los do estilo de escrever de seus autores – algo que a cada encontro se revelava mais a eles mesmos e aos colegas, de forma que todos foram se tornando mais capazes de melhorar seus próprios textos e de contribuir com os dos outros.

Estabeleceu-se, enfim, um contexto que propiciava o criar e, mais que isso, configurava um campo transferencial de sustentação para um acontecer como encontro inter-humano, graças a um manejo de *setting* que convidava os participantes a estar à vontade para se expressar. Havia espaço para viver sensações gostosas, alegres, divertidas; havia espaço também para chorar, de emoção ou de dor, ao encontrar pedacinhos difíceis de história. Tudo isso era acolhido, mas não interpretado – a proposta era dialogar com o que viesse à tona, sem julgar. O contexto se fazia vitrine onde cada um podia olhar para si e para os outros, mais expostos ou menos, conforme seu desejo e disponibilidade.

Criar e compartilhar: o gesto espontâneo e construtivo

Tal percurso nos proporcionou diversas reflexões acerca do desenvolvimento da capacidade de escrever. Dentre elas, trazemos aqui um recorte que diz respeito à apropriação do poder da escrita como possibilidade de criar, dar à luz, multiplicar – e não de tolher ou coagir.

Numa das atividades propostas, o tema era a adolescência e a escolha da carreira de jornalista. Nas vivências em grupo, tinha emergido um elemento comum a todos: o fato de nessa escolha estar implícito um desejo de mudar o mundo, que depois foi frustrado pelas contingências das práticas comuns do jornalismo contemporâneo. Num dado momento, uma das participantes manifestou forte angústia frente às eventuais consequências negativas dos textos publicados. A possibilidade de terem um grande poder destrutivo parecia tão assustadora, que vieram lágrimas banhar o encontro. Mas então se falou também do poder transformador das palavras escritas e do quanto são capazes de trazer alívio, suporte ou candura; do quanto podem ser trama e urdidura de um posicionamento ético diante do mundo. A terapeuta, assim, favoreceu um diálogo com os medos e fantasias relacionados ao escrever, incluindo todo o seu potencial destrutivo e construtivo. Em termos do que foi abordado anteriormente neste artigo, podemos supor que tal diálogo propiciou ao menos um passo no sentido da saída desses objetos-leitores da fantasia onipotente para a realidade compartilhada.

Esse episódio nos permitiu abordar um aspecto fundamental da capacidade criadora: o fato de que opera transformações no mundo. Criar envolve liberdade e também responsabilidade. Uma condição importante para que a escrita seja vivida dentro do campo da transicionalidade é a

possibilidade de confiar que seu resultado seja potencialmente construtivo para os leitores. Dessa forma, é possível sentir-se em um mundo humano compartilhado e estar livre para criar ou, ao menos, a caminho da conquista dessa liberdade. E, de fato, tivemos chance de saber que cada participante do grupo prosseguiu elaborando, em sua trajetória pessoal e profissional, possibilidades e temas que tinham vindo à tona nos encontros da oficina.

Considerações finais

Escrever de forma transicional envolve, portanto, sentir-se vivo e real nessa experiência e perceber o texto que dela resulta como ligado ao si mesmo. Ou seja: algo que, em alguma medida, *apresenta* o si mesmo, no sentido específico a que se refere Winnicott (1945/1993) quando usa o termo “apresentação”. Apropriar-se desse escrever como algo legítimo é mais importante, ao menos num primeiro momento, do que obedecer a determinadas regras ou modelos.

Não descartamos a importância das normas da língua, nem dos contornos específicos aos quais ela precisa circunscrever-se para caracterizar uma obra de ficção, um artigo científico, uma carta, dentre outras. Tampouco deixamos de levar em conta o crescimento que pode ser conquistado a partir do referencial de grandes autores. No entanto, procuramos oferecer um ambiente propício para que os participantes pudessem criar/encontrar seu estilo pessoal, seu modo particular de se expressar, apropriando-se da língua como algo vivo. Dessa forma o estilo de escrever expressa o estilo de ser, apresentando-se como gesto espontâneo, que presentifica o verdadeiro *self* e traz consigo a criatividade e a transicionalidade.

Consideramos que uma pessoa pode se submeter às normas linguísticas e produzir textos corretos, até sofisticados, porém no registro de mera competência dissociada. Entretanto, quando fruto do gesto espontâneo, a escrita inclui o outro, pode dialogar com a contemporaneidade e também com a tradição. As normas deixam de ser algo a que a pessoa se submete, para ser algo que comunica, constela e expressa todo um percurso realizado por indivíduos que, da ancestralidade à atualidade, “vivendo” a língua, fizeram-na e fazem-na ser como é hoje. Nesse registro do gesto espontâneo, portanto, a pessoa se apropria da regra, na qual se condensa o que o passado nos legou, para unir-se à tradição, a todo um movimento humano criativo transmitido através dos tempos. Afinal, a matéria-prima a partir da qual os gramáticos deduzem as normas é língua viva daqueles que nos antecedem no tempo – língua que é produção humana em contínua transformação. Pode, também, inserir-se no contexto presente e vislumbrar interlocutores futuros, pois o que hoje é contemporâneo amanhã será nosso legado. Com certeza, parte desse legado sobreviverá aos séculos, tornando-se tradição.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. A., & Machado, M. C. L. (2003). Sofrimento humano e estudo da eficácia terapêutica de enquadres clínicos diferenciados. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrosio (Orgs.), *Cadernos ser e fazer: Apresentação e materialidade* (pp. 6-35). São Paulo: IPUSP.
- Botelho, A. P. A. (1998). *No universo das histórias: Oficinas de redação e criatividade*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 01 setembro 2009, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-23102005-203402/>
- Botelho, A. P. A. (2004). *Tramas que sustentam transformações: Escrita criativa e autodesenvolvimento como aliados na construção de perfis e histórias de vida em jornalismo literário*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hopkins, B. (1997). Winnicott e a capacidade de acreditar. In *Livro Anual de Psicanálise: Transferência sedução e colonização* (B. S. M. Oliveira, Trad., Vol. 13, pp. 111-122). São Paulo: Escuta.
- Lima, E. P. (2009). *Escrita total: Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito*. São Paulo: Clube de Autores.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (1990). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento humano* (I. C. S. Ortiz, Trad., 3a ed., pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Textos selecionados* (J. Russo, Trad., 4a ed., pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (1994). O alicerce da saúde mental. In D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (A. Cabral, Trad., 2a ed., pp. 175-177). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1951)
- Winnicott, D. W. (1996). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad., 2a ed., pp. 31-42). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1970)

Andrea de Arruda Botelho-Borges é Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg é Professora Livre-docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Recebido: 28/02/2010

1ª revisão: 30/09/2010

Aceite final: 17/02/2011